

Euclides Neto

CINCO

HISTÓRIAS

DA ROÇA

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

A Coleção E-Poket, publicada pela E-Book.Br, Editora Universitária do Livro Digital, disponibiliza e-books com pequenas dimensões e arquivos leves, para facilitar o acesso pela internet em baixa velocidade. Escolhemos um formato de livro eletrônico concebido, pelo tamanho, para ser lido em smartphones e outros meios digitais.

O Acervo Euclides Neto vem sendo publicado nesta e em outras coleções, conforme o tamanho da obra.

Todos os livros podem ser lidos tanto na plataforma Issuu, sediada em Copenhague, na Dinamarca, quanto no site e-book.uefs.br, em formato PDF, adequado para ser salvo no celular do leitor.

Cinco Histórias da Roça

Copyright 2017 Obras de Euclides Neto



Composto em Times New Roman, corpo 12
Formato 100 x 160 mm.
66 páginas

Euclides Neto

Cinco Histórias da Roça

Seleção e organização:
Cid Seixas

e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Obras de Euclides Neto
Volume III

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Denise Coutinho (UFBA)

Denise Teixeira (LITERA)

Gilca Machado Seidinger (UFSB)

Maria Luíza Nora (UESC)

Vitor Hugo Martins (UNEB)

Endereços deste e-book:

<https://issuu.com/euclides-neto/docs/3>

www.e-book.uefs.br/euclides_neto

www.linguagens.ufba.br

Sumário

LIVROS DO AUTOR	7
O Cirurgião	11
Os Ciganos	19
Conversa de Maridos Abandonados	35
Filomena	47
Amor de alugado	53
CAPAS DAS OBRAS	63

O canivete entrou mais fundo e bateu no metal. Claro que não era o osso, dizia o dedo que acompanhava o ferro. Os urros continuavam, pedindo socorro a mãe, a nossa senhora de todas as devoções. Até que a bala pulou no chão, açoitada pela ponta da lanceta. O cirurgião a apanhou carinhosamente.

Livros do Autor

LIVROS IMPRESSOS

- 1 Berimbau (1946)
- 2 Vida Morta (1947)
- 3 Os Magros (1961)
- 4 O Patrão (1978)
- 5 Comercinho do Poço Fundo (1979)
- 6 Os Genros (1981)
- 7 64: Um Prefeito, a Revolução e os Jumentos (1983)
- 8 Machombongo (1986)
- 9 O Menino Traquino (1994)
- 10 A Enxada (1996)
- 11 Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores (1997)

12 Trilhas da Reforma Agrária (1999)

13 O Tempo é Chegado (2001)

E-BOOKS

14 A última Caçada (2017)

15 O Advogado e o Burro Ladrão (2017)

16 Cinco Histórias da Roça (2017)

O Cirurgião

A meu pai, Patrício – o esculápio

Não sei se acontece assim até hoje. Antigamente a coisa era mais simples. Ali, a sala de cirurgia: os auxiliares, três ou quatro, postavam-se ao lado do paciente, que gineteava aos berros. Não se podia chamar de um bem-instalado hospital, mas não tinha outro jeito. O melhor estava longe, a mais de trinta léguas bem puxadas, por caminhos em petição de miséria.

O anestesista, seguro das suas responsabilidades, começou o trabalho com muita eficiência. O doente se acalmou um pouco e quase adormeceu. Aconteceu o pior. A droga da anestesia não funcionava. Cada vez que o cirurgião tenta-

va usar o bisturi, o homem se contraía todo, estrebuchando. Mais anestésico. E mais. Nada de aliviar a dor que triturava o coitado. O cirurgião continuou cobrando do colega mais atenção e diligência. A lanceta entrava fundo no peito do baleado, que nada mais via, conquanto sentisse dores de punhal em brasa entrando em suas carnes.

Nesse torpor, a cena do sucedido se passou pela cabeça do ferido com a violência da qual não pudera livrar-se. Estava na feira, vendendo farinha, passando a régua na boca do litro de madeira para que a medida saísse exata. O manato chegou e foi desafiando:

– Isso é a farinhada que você fez com a mandioca da minha roça, sujeito ladrão.

– Da sua roça, não. Do meu roçado, seu filho de uma lascada.

– Você está xingando minha mãe?

– Não só a sua mãe, como sua mulher, suas filhas, umas descabaçadas, seu como filho da puta. (Uso tal verbete sem receio de ferir sentimentos delicados, porque a Última Flor do Lácio o tinha como moça puríssima, honestíssima, usada agora pelo Eudóxio como mulher de ninguém... Faço-o em homenagem aos que acham

que para escrever ou falar escorreitamente o nosso dialeto precisa copiar Camões, Frei Luís de Sousa e outros batutas).

Como vinha falando, o vendedor de farinha, de nome Eudóxio, ainda revidou com o mesmo naipe de delicadeza e picou o litro de madeira na testa de quem o xingara de ladrão no meio de tanta gente.

O que recebeu o golpe não trastejou. Puxou a pistola cu de boi do correão e mandou a carga caprichada de chumbo cabeça de macaco, mão pesada na pólvora e uma bala 38, pelo sim, não não. Viera prevenido para a desforra.

Eudóxio nem disse ai Jesus! Caiu sobre o saco da sua mercadoria. Dizem que até a bucha da arma de dois canos entrou no corpo dele com bala, chumbo e tudo. A tal pistola rompedeira era de socar pela boca, não esquecer.

Quem atirou saiu tropeçando, cai-aqui-cai-acolá e ganhou a roça de cacau pegada à mata, ali pertinho da minguada feira. E nela envultou, desapareceu. O inspetor foi chamado e enfumou-se no matagal, com sua fita verde-amarela e o espadão.

Faz muito tempo isso. Até hoje não foi descoberto o paradeiro do fugitivo levantado.

Levaram Eudóxio para a sala de cirurgia, como iniciamos o caso. E aí, por mais que trabalhasse o anestesista, não conseguia vencer a dor que ele já não suportava.

O cirurgião ficou no balanço: deixar o corpo já aberto e esgaravatado – o que significava a morte certa – ou continuar a delicada operação em busca da carga da pistola.

Perdido por um, perdido por mil e um. O canivete entrou mais fundo e bateu no metal. Claro que não era o osso, dizia o dedo que acompanhava o ferro. Os urros continuavam, pedindo socorro a mãe, a nossa senhora de todas as devoções. Até que a bala pulou no chão, açoitada pela ponta da lanceta. O cirurgião a apanhou carinhosamente. Mostrou-a aos auxiliares.

E cauteloso, para o anestesista:

– Dá mais. Dá mais, que descobri onde mora o perigo. O pior já saiu. Agora é catar os chumbos.

Claro que o modesto hospital não dispunha de raios X, muito menos dessas ultras e tomografias de hoje. Tudo isso era trocado pelo tato das pontas dos dedos.

Os urros do operado chegaram longe. Foi aparecendo gente e parando na porta do peque-

no hospital para rezar e pedir a Deus pelo paciente, carregado de filhos feito um quati, tomando conta ainda da sogra e dos velhos pais, lá pelas bandas do Ponto da Perua. Touxeram santos, e até o descascado São Benedito da rezadeira Barabadá, esculpido em barro ali mesmo, na olaria do seu Totonho, apareceu.

Houve ladainhas, até em latim. E muitos padre-nossos e ave-marias cantadas e contritas.

O cirurgião voltou a ordenar:

– Dá mais... mais. Não se pode é deixar assim.

– Já dei o que pude. O homem está morrendo, só faz gorgolejar, repugnando – observou o cauteloso anestesista.

– Dá mais, pode dar tudo.

– Agora é por sua conta...

E lá vai o bisturi curioso remexendo, vasculhando com a sua ponta afiada os escondidos de Eudóxio. O cirurgião continuava a ordenar:

– Dá mais... dá mais... Cadê o toucinho frito? Quero pelando.

Trazido o santo medicamento, o cirurgião despejou no interior do campo cirúrgico a graxa e os torresmos, que ainda caíram chiando e fervendo. Com mão de mestre e chefe da equipe,

pediu a agulha e linha de sapateiro, devidamente embebedadas também. Deu os pontos como quem costurava sacos de cacau.

Findo o trabalho, todos os que participaram da delicada intervenção estavam banhados em suor. O cirurgião lavou com cachaça o canivete capa-garrote, marca cometa. Possuía uma bodega e trabalhava de areeiro, consertando selas, cabrestos, bridas e até solados de botas russianas, e era muito entendido naqueles serviços finos de arrancar balas e costurar facãozadas até de palmo e meio. Saiu como um herói do fundo da sua quitanda e olhou vitorioso o povaréu. Pediu contrito:

– Continuem rezando. Ele se salva, com fé em Deus.

Depois voltou para a sala de cirurgia. Mandou soltar o paciente. Estava ele amarrado pelos punhos e pelo peador no banco que servira de mesa para os trabalhos. Além das mãos fortes dos auxiliares que ajoujavam Eudóxio como quem orelha um burro xucro.

A sumidade médica perguntou:

– Ainda sobrou meladinha?

– Ele só tomou garrafa e meia - respondeu o habilidoso anestesista.

– Então traz o resto pra nós, foi um serviço bruto. (E gabola:) Nunca vi tatu com dois cabos.

Eudóxio perdeu os sentidos. Vomitava às golfadas. Passou dias e noites desacordado. Quando voltou a si foi querendo água e comida. Estava salvo da delicada cirurgia acontecida no arraial das Tesouras.

O cirurgião, que o visitava duas vezes por dia, autorizou:

Pode dar o tanto que sua barriga pedir. Só não pode comer coisa reimosa: galinha, caça, maxixe e mulher, que vocês já sabem.

– Tempos passados, ninguém conhecia mais o paciente. Tomou corpo. Botou barriga de fazendeiro, ficou corado que nem telha queimada. Felizmente, naquele tempo da cirurgia, não passava de um caxinguelê, pele da barriga franzida, quase pegada no espinhaço, o que facilitara a intervenção. Bem verdade que muitos carochos de chumbo ainda estão guardados nos bofes ou arredores do vendedor de farinha. Mas ele até se esqueceu disso. Era outro homem. E o

contrário que não cruzasse seu caminho. É que o inspetor achara a pistola cu de boi e a entregara a Eudóxio, para que lhe desse melhor uso, quando topasse o arrenegado.

Os Ciganos

Para Jorge Medauar

Derrubaram as bagagens. A tropa de burros, cavalos e jumentos esparavonados, docas, orelhas caídas, na ossada, foram soltos no areão do rio de Contas, ao lado das barracas, à entrada da cidade. A notícia disparou rua afora até o fim das casas e voltou por outros caminhos, já carregada de receios. As galinhas foram presas, os baés escondidos, perus nem se fala. Daí a pouco os ciganos estariam nos quintais, pegando as criações e invadindo as roças de cacau, em busca de jacas e outras frutas. Famintos, nem tanto. Vido antigo.

Os homens bigodudos, cor de metal doirado exposto ao sol, procurariam a feira montados nos

seus pongós, exibindo a boa pisada e ardigueza a poder da competente mão-de-rédea, dos truques e das chilenas afiadas.

Todos sabiam que negócio com aquela gente seria taboca na certa. Mas uma força esquisita levava os da terra a tentar uma barganha entre animais também defeituosos, como os do bando. Haveria alguma volta em dinheiro, único meio dos visitantes sobreviverem. Os do lugar sempre apanhavam. Mas voltavam a negociar. Uma espécie de gozo pela emoção do jogo.

Os gajões são capazes de tudo para enganar: brocam os dentes cerrados dos animais velhos, que os têm furados quando novos; botam malagueta no fiofó, surram e colocam pedra debaixo no suador da sela, para que os lerdos pareçam árdegos; prendem a cilha por baixo da barriga à ponta da cauda, transformada em coque, evitando mostrar os cabeadores. Tudo isso antes de mostrar a mercadoria ao freguês.

Fala-se também que pegam menino. Exagero.

Pelo que se vê, presença indesejável, vinda ninguém sabe donde – do fundo dos tempos e das terras estranhas.

As mulheres mais velhas saem a ler o futuro dos ingênuos e dos sabidos também, que todos gostam de saber os mistérios do futuro.

O outro ingrediente do nosso caso vem agora. Trata-se do fazendeiro Nicodemo, homem dobrado no peso e na estatura. Passado pelo-cabo-da-mula-ruça.

Se os ciganos eram sabidos, Nicodemo chega-te pra lá. E para testar seus dotes fazia rolo com eles. De igual para igual. Era divertido acompanhar o rela. Emendavam os bigodes. Formava-se a torcida em volta. Terminada a peleja, a cidadezinha a comentava vários dias, divertindo-se como se fosse uma renhida disputa de futebol. Naquele domingo, abria-se a roda para assistir à barganha de uma lambedada só: dez animais dos visitantes por outros do dono da fazenda Poço da Caça. Vai acima, vai abaixo, o cigano chefe do grupo monta num cavalo sonsado e transforma o remelexo das cadeiras aleijadas do animal em pisada legítima, Nicodemo, bom de rédea, sela um dos seus cavalos. Sai garboso, riscando a garupa com as esporas de rosetas deitadas, a mostrar o que era viajero-travado.

Todo caso, romance ou conto, cobra o tempero da presença de mulher e violência. Apareceu uma gajoninha nos seus dezesseis anos, servindo café em copinhos de esmalte azul. As tran-

ças ajoujadas num pente espalhafatoso no alto da cabeça. A saiona é mais uma colcha de retalhos de amarelos e vermelhos indo até o peador. Pés na areia.

Nicodemo saboreia o café como os que experimentam na ponta da língua um vinho raro. Conhecedor do ciúme da raça pelas mulheres, olhava disfarçadamente a beleza. Tanto mais aquela que já tinha noivo desde os onze anos. Só esperava que ela amadurecesse pelo fundo como os doces maracujás, para casar-se. E estava ao lado do sogro, que batia testa na disputa.

O dono da Poço da Caça também carregava fama de não aguentar ver rabo de saia, sobretudo ainda empenando, como eram todos os homens daquela terra em que os bagos suculentos das jacas assanhavam os bagos dos machos.

Pronto, o fazendeiro enrabichado mais uma vez. Gaguejava. Os ciganos perceberam tudo. Sabidos, exploraram. Bastava uma palavra da ciganinha, acompanhada por todos do bando falando alto, ao mesmo tempo, incentivando a troca, atordoando:

– Faz o negócio, meu amo, é melhor pra o senhor. Se fosse eu voltava até mais do que meu pai está pedindo – insinuava a menina.

O apaixonado perdia o ajigo da vontade e:

– Você quer assim, Carmelita?

– Não quero nada, mas vejo que a troca é melhor pra meu amo.

O pai, a mãe, os irmãos, o noivo e até uma sogra de boca murcha, mastigando seus próprios anos, reparavam na ousadia do já apaixonado. Recebiam-no na barraca com bons tragos de pitianga. Não precisa dizer quem o servia nos mesmos copinhos de esmalte azul.

Um dia, Carmelita pediu a mão do fazendeiro para ler. Teve-a entre as suas. Os parentes se retiraram – era serviço de muito respeito, fé e devoção. Os dedos grossos do homem sentiram a maciez da menina. Estremeceu. Ah! se estivesse numa roça de cacau sobre o colchão do folhiço seco. Conteve-se e ouviu:

– Meu amo está apaixonado por quem não pode devolver o seu amor. Se teimar, corre risco de vida. Meu amo é muito rico e sabido, mas precisa ter cuidado com a sua paixão. Já teve muitas mulheres. E pensa que pode se deitar com as que encontra. Mas tem pau que passa pau. A dita mulher, ainda muito nova, tem outro que já matou dois em Ibirapitanga por causa da sua

noiva. Está por aqui por perto fugido. Meu amor não precisa ter pressa, vai conseguir vencer.

Quem disse que Nicodemo ficou com medo? Levou uns dias meio encabulado com a ameaça. Imaginou que o dito da gajoninha era um aviso em seu favor. O amor tira a razão.

O bando se demorou ainda tempos no areão. Foi tangido por outros ciganos inimigos. E os chegantes não eram iguais àqueles pés-rapados, quase às esmoladas, ladrões de galinha. Os novos apareceram em caminhonetes do ano, cabina dupla, automóveis de luxo substituindo a tropa. Barracas amplas, mulheres bem-tratadas e roupas brilhantes, muitos dentes de ouro, alguns encastoados com brilhantes como escavação por toda parte. Até as argolas delas eram graúdas, de metais preciosos, lembrando seus velhos antepassados indianos. O comportamento também se diferenciava.

Nicodemo não se fez de rogado. Dia seguinte, aliás não foi ele quem os procurou. Sabendo da fama do trocador de animais e carros, vieram a sua casa, atrás de um terreno vazio na entrada da cidade. Não eram ciganos de acampar no areão onde nem os carros poderiam chegar, até mesmo porque ficariam atolados. Trataram logo

do negócio da área por uma picape Cio. Foi mostrado ainda um automóvel, com ar condicionado e que só podia ser possuído por fazendeiro importante como meu amo. Vai conversa, vem conversa, Nicodemo, que antes tinha despachado positivo atrás da ciganinha, farejando todos os rastros de ciganos, perguntou por ela. Responderam que nem queriam ouvir falar naquelas pinoias. Informaram que de lá só prestavam um rapaz de nome Jacob e uma tal Carmelita, filha do arrenegado. E que os dois tinham deixado o outro bando porque não suportavam mais ser chamados à polícia por furtos que não cometiam. Aliás, era bom acrescentar que o rapaz debandara pra lá por causa da dita, contra a vontade dos pais.

Os olhos de Nicodemo relampejaram. Manhosamente, os ciganos perceberam vantagens para nova batelada:

– Tudo bem. Quero ver os outros carros de vocês. Sei lá se não tem um mais barato, mesmo usado. Como sabem, a zona está quebrada, sol matando as roças, vassoura-de-bruxa arrasando o que sobra. No lugar onde eram lagoas, presas, rios, não existe mais água. Uma calamidade.

– Não pra meu amo...

– É... mas Deus sabe a dificuldade. Felizmente tenho um gadinho que não mexi ainda.

– E dinheiro no banco não fala, meu coronel?

Os ciganos tinham razão. Talvez naquelas dez léguas em quadro, somente o dono da Poço da Caça dispunha de algum dinheiro. O mais estava pela goela de débitos, já sendo executados, as casas-sede e de trabalhadores em ruína, caminhos de formiga de mandioca cortando até os jardins, cupins destruindo cumeeiras e ripões, fogo das estufas apagado, barcaças fechadas. É que ele vivia também de negociar com um tudo, tinha postos de gasolina, uma agência de carros, compra de cacau, duas revendedoras de cerveja, caminhões de frete. Dominava a praça. Sem falar nuns cobres a juros, mas que não recebia, exatamente pela quebradeira.

Para os gajões ricos, chegara o tempo dos cavalos gordos. Passaram a ser os donos do dinheiro, já que nem Nicodemo o tinha mais para emprestar.

Descobriram que investir em carro e cobrar juros era melhor que qualquer outro negócio. Quando ainda remediados, foram emprestando as economias, explorando a miséria que andava

pelas roças de cacau. Não queriam terra, nem gado, salvo quando nem mais interessavam os reajustes dos devedores.

O fazendeiro chegou ao acampamento. Encontrou as barracas amarelas, vermelhas, espalhafatosas como as roupas das mulheres. Outros já moravam em pequenos ônibus confortáveis. E muitos carros faiscando de novos. Logo na entrada, parecia que a gajoninha o esperava.

Com dois meses da presença dos ciganos ricos, como passaram a ser conhecidos, muitos fazendeiros e comerciantes, antigamente também endinheirados, lhes tomavam empréstimos, alguns para pagar os trabalhadores e até mesmo para comer. Os bancos arrojavam de um lado, o sol bebia a seiva das plantas, as matas desfolhando pareciam as da caatinga e a vassoura-de-bruxa inchando os brotos dos cacauzeiros, completando a devastação. A chamada crise, conhecida de muitos, mas que os mais velhos afirmavam que como aquela nenhuma acontecera. Os ciganos têm cobre a rodo, viajava a notícia. Para eles corriam todos. Questão de vida ou morte.

Nesse meio tempo, surge a campanha eleitoral. Político compra dinheiro onde acha. Nem procura saber o preço. Cigano encheu o papo.

Na chegada dos vencimentos, as letras eram dobradas. Os candidatos se submetiam, pois não queriam ver os nomes na boca do povo. Um vereador, que caiu na asneira de não se sujeitar, ouviu vaia estridente no meio do comício, chamando-o de velhaco. Por quem? Não precisa dizer. Entregou os beiços.

Outros viam as casas invadidas, perdiam televisão, rádio, mobília e o que encontravam de útil. Nem panela de pressão escapava. Vasculhavam gavetas, cofres abertos sob ameaça. Recolhiam restos de peças de ouro, até de dentaduras, relógios. O devedor impotente, cabeça baixa. Temia os credores. Após esgotar essa colheita de bens, os usurários começaram a tomar fazendas, gado e animais. Apareceu o gosto pela política. Resolveram financiar um candidato, exigindo condições. Nas passeatas, levavam todos os carros cheios de parceiros e bandeiras. Eram os mais animados, os que mais gritavam e brigavam.

Agora meteram na cabeça que deviam ter candidato. E não entenderam que, sendo errantes, não possuindo título de eleitor, nem inscrição partidária, era-lhes proibido tal direito. Ficaram enfezados, mais ainda quando souberam

que, pelo menos aquilo, não podiam comprar com dinheiro, o que não faltaria se preciso fosse. Os coronéis e comerciantes antigos, depois seus filhos e genros, e os doutores, mandões até ali, sentiram-se ameaçados por aqueles novos donos do poder e da terra. Mas quem disse que os reais não resolviam tudo? O meritíssimo juiz providenciou inscrição partidária e forneceu título de eleitor para Joaquim, o chefe do bando. Foi fácil negociar com um dos candidatos, que retirou a candidatura em troca de um carro e perdão do débito. A campanha recrudescceu. Os contrários alegaram nulidades flagrantes, em arrazoados de muito saber. Pelo juiz caiu célere a extemporânea impugnação. Levado ao Tribunal, a coisa ficou mais fácil. Um senador de muito prestígio soube da preferência popular pelo cigano. Deixou o que até ali apoiava e conseguiu do Colendo Pretório um lindo acórdão, sacramentando o direito de que todos poderiam votar e ser votados, democraticamente, amparados na Carta Magna. Não bastaram, portanto, somente as promessas do candidato financiado de que os gajões iriam mandar na próxima administração, ocupando cargos importantes. Queriam todo o mando.

Cigano é criatura que vem de outras eras e perseguições. Jamais lutaram por um território só deles. Satisfazem-se com a liberdade dos caminhos que chegam a toda parte e lhes dá a ideia de que tudo lhes pertence. Ao contrário dos judeus, também errantes e perseguidos, que sempre lutaram e morreram por um pedaço de pátria, num deserto que fosse.

O gozo do poder acordou no bando um velho desejo, adormecido pelos séculos, sempre bem escondido até nas madres das mulheres. A vontade agora era ter pelo menos uma cidade própria, com fazendas, dominando o comércio. Só arriscar mais dinheiro.

E onde está Carmelita? Seus atuais parentes receberam a concessionária de automóveis, as revendedoras de cerveja e os postos de gasolina, trocados por vários pedaços de terra adquiridos em outros rolos. Sempre com a ajuda da sua beleza e da paixão de Nicodemo. Toda vez que eles desejavam algum negócio mais vantajoso traziam o fazendeiro para o acampamento. Ofereciam feijoadas com mocotó e muita fôia pôde. Carmelita já se intrometia na conversa parecendo a mulher dele. Mandava na sua vontade.

Aconteceu o pior. Marcou-se o casamento da moça, hoje mulher refeita, de columim graúdo. Noivo, o mesmo. Festa de cigano já se sabe. Três sanfoneiros, fogos de abalar as pedras do rio, galpão imenso, coberto de palmeiras, farturão sobrando de prato e garrafa. A cidade toda compareceu. Mesmo eleitores que apoiavam o outro candidato. Claro que Nicodemo não faltou. Ao menos, queria ver a última nuvem da sua paixão voando para lugares impossíveis. Um consolo. Se não conseguira a gajona, cada vez mais bonita, antes daquela festa, quanto mais agora. Cigano não perdoa mulher que trai.

Começada a cerimônia, o padre com a sua estola nova e as alianças sobre o altar improvisado, ouviu-se o primeiro tiro. Muitos outros em seguida. Gente correndo: acode mãe! Deus do céu! O grupo de onde fugira Carmelita, injuriado com a desfeita da fuga, resolveu cobrar vingança e levá-la de volta nem que fosse no caixão.

Tiroteio daquele jeito só se viu quando um bando de ciganos invadiu Ilhéus e foi recebido a papo-amarelo, no contar do escritor Jorge Medauar.

O noivo deve ter ficado no chão, cumprindo a vontade dos seus parentes. Carmelita só en-

controu Nicodemo para pedir socorro. Com quem fugiu sem destino.

Os ciganos ricos desapareceram. Ganharam a política, mas uma decisão da Corte Suprema anulou tudo. Nicodemo cantava de galo no Poço da Caça, escondido no fundo das roças de cacau. Mais uma fêmea conquistada e, agora, no meio das balas, o que a tornava mais desejada. Houve também muito sangue derramado nos lençóis, e gritos de dor no momento de cortar a fita inaugural. Nicodemo ficou vaidoso por ter sido o primeiro a possuí-la. Trapaça da cigana velha.

Vou adiante e volto atrás: os ciganos desapareceram. Modo de dizer, pois depois retomaram para cobrar seus créditos e tomar conta da cidade e de toda a região como se fossem pequenos bancos. Nicodemo perdera quase tudo. Só lhe restava o casco da fazenda Poço da Caça. Ficou comendo na mão como suia. Melhor assim. Pior era se tivesse feito como o deputado Boca Rica que mandara matar o marido de uma cigana para ficar com a mulher dele. Conseguira tudo na paz. A gajoninha bem protegida e já de bucho inchando para soltar o mesticinho. Outra maranha da cigana velha.

Tanta felicidade não demorou muito. Carmelita desapareceu. O fazendeiro recebeu um bilhete, sem assinatura: “Você é mesmo um trouxa. Com mania de sabido e conquistador de mulher alheia, tomou a maior taboca da sua vida. Carmelita é mulher da vida escovada, mora em Jequié, filha de uma baqueana, dona de pensão. O falso noivo dela também não tem nada de cigano”.

Nicodemo perdeu o cálculo, trocou a fazenda Poço da Caça, reduzida a um quinto, por uma caatinga nas bandas de Boa Nova. Findou-se por lá injuriado.

Logo descobriram que não chegariam a doutores. Não adiantava mesmo. O sentido estava nas fazendas, no gado, nas apartações, na ferra, no rela da venda das boiadas, na tiração de leite, no cambrecho gordo logo cedo.

Conversa de maridos abandonados

Desde a infância, vizinhos e amigos de fé. Cresceram juntos, um assistindo na casa do outro. Lé com cré. A mãe de Joaquim deu o peito a Demétrio – irmãos de leite. Brincavam armando laços, banhos no rio, pegavam parelha na corrida, montados em pelo nos cavalos de campo. Quando mandaram um ao colégio, já taludo, o que ficou não suportaria a apartação. Viajaram juntos para o internato dos padres. Se recebiam de casa os requeijões de meia arroba, casca grossa e curada, ou tachadas de doces de leite com gema de ovos, guardavam os de um, para comê-los depois de terminados o do outro.

Ficaram rapazes e não venceram nos estudos. O diretor, na presença dos pais, malungados também, aconselhou que os botassem numa pensão de estudantes. Beiravam os dezoito anos e já mijavam espumado.

Logo descobriram que não chegariam a doutores. Não adiantava mesmo. O sentido estava nas fazendas, no gado, nas apartações, na ferra, no rela da venda das boiadas, na tiração de leite, no cambrecho gordo logo cedo. Cada cepa de homem de pegar marruá pelo chifre e jogá-lo no chão, escomando-o. Esporte preferido e único na brutalidade dos currais. Com a bola de futebol, uns xucros, junta enguiçada, bicudas sem propósito. Sobre o cavalo, na seda de um boi, nos encruados, uns raios-celebrina como se dizia dos homens de ajigo no corpo e das mulheres que pulavam cerca.

O que aprenderam na cidade deu pra o gasto. Fazer uma conta de tarefa nas empreitadas de pastos, escrita miúda de despesas, que nem disso precisavam, pois as mangas andavam cheias. Duas vacas ou bois de gabarro eram vendidos para os gastos. O balanço vinha coculado, em qualquer lua. Sempre sobejavam reses. Tantas, que não sabiam exatamente quantas. Com um

simples correr d'olhos na boiada, na vacaria, novilhada, bezerros mamando, nas crias indo pra dois anos já se descobria se tudo ia bem. Sumida uma cabeça, dava-se fé, porque todas eram conhecidas desde o cair da madre.

As fazendas vieram dos avós. Com os tempos, passaram aos pais. Por derradeiro, aos netos. Sempre espichando divisas. Os primeiros nem assinavam o nome. Os seguintes já garatujavam um bilhete à venda. Os donos atuais eram ilustres concluintes de uma banda do curso de ginásio, Deus seja louvado. O saber até sobejava. Os vaqueiros que não podiam mais campear eram substituídos também pelos filhos e netos.

Com certeza, outras gerações viriam, enterando os umbigos machos nas porteiras do curral e os das fêmeas na porta da capela.

Sem arredarem o pé daqueles cafundós.

Agora conversavam sentados no último varão do curral. Sim, porque os currais continuavam com os longos âmagos de itapicurus, condurus, jiquitiaras. Nada de longarinas cerradas, muito menos cordoalhas, nem arame farpado nas cercas. Assim como os avós e pais, eram os que pegavam no pé mais grosso e pesado da madeira. Uns touros, diziam. E não era esse ne-

gócio de ajudar a trocar, na vadiação, dois ou três varões, mostrando muque. O trabalho começava na rompença, depois do mocotó de vaca na feijoada dormida e a talhada farta do requeijão com café e leite de sustança. Tempo houvesse pra labutar ao lado dos trabalhadores, até dia entrando no oco da noite. Bichos brutos no serviço, Joaquim e Demétrio.

Aqui começa o que vale no contado. Essa perda de tempo tratando da curralama fica para os cascas-grossas dos ermos. Gente que se preza quer amor, traição, sangue, aventura. De cocô de vaca, basta. Então lá vai goma.

Os amigos se casaram com duas irmãs, formadas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, família também de diplomados. Dois bisquis de finuras, nas formas e educação. Réstias de lua nova na delicadeza. Penteado no cabeleireiro, unhas na manicura, vestidos nas modistas, escolhidos nos desfiles de modas. Chegaram a ser modelos em uma noite de muita glória na boutique Miosótis. Falar em unhas, as delas pareciam as garras desembainhadas das onças acuadas, tal o comprimento, comparando mal. Ouviram desde criancinhas a cantoria de ninar da roça, na saudosa voz da avó,

que jamais se conformara em morar na cidade. Ficaram encantadas com a boniteza romântica dos filhos do campo. Nesse tempo, as moças ainda suspiravam de amor melado nos versos lacrimosos. Aceitaram a aventura de assistir na fazenda. Mas continuaram duas grã-finas, no dizer das despeitadas de Ipiaú.

Primeiros dias, as novidades. As várzeas floridas, o mugir das vacas, o cabrejar das criações, o recender das flores silvestres, o canto mavioso dos passarinhos, como suspiravam. Esperar o desaparecer do dia num girassol de fogo. E a lua em procura do seu namorado, no esplendor das vestes nupciais, brincando de esconder. O lindo folclore da cozinheira enfiando o dedo no fiofó das galinhas para saber se tinham ovo praquele dia, a velha parteira arrancando o fato dos frangos pelo ouveiro, capando- -os. Os maridos tirando um tampo do fundo do saco dos garrotes, espremendo os bagos para fora. Raspando-os, raspando-os, raspando-os pelo talo até desprendê-los - castração a faca. Ou botando o dito talo sobre um cepo, esmagando-o com certos golpes de massete pesado, por cima do couro – castração a massete. Tudo isso depois de derrubar o futuro capado, passando-lhe o laço

pelos vazios, metendo-lhe os pés entre as mãos, amarrando os machinhos como se fossem um molho, e puxar as favas com vigor para trás. Cirurgias mui delicadas. Sem falar nos gemidos, urros e berros do futuro boi de boiada. Muito pitoresco. Fazia parte da cultura popular. Ainda iriam pintar aqueles quadros surrealistas.

As irmãs se visitavam sempre. Procuravam a cidade mais próxima, Ipiaú, a léguas de distância. Voltavam caçoando das tabaroas metidas a civilizadas. Mas já não escondiam a solidão da vida besta. Os maridos deixavam a cama com o sol pulando da madre da noite e só voltavam no seu funeral. Nem sempre se lembravam do banho, mesmo no rio Gongogi, ali à mão. Era só arrancar os rolós enlameados, atirá-los à toa no alpendre, suor grosso engraxando o corpo. Cama. Claro que aquela juventude de reprodutores endiabrados cruzavam as esposas. Depois de duas varadas já estavam debruçados, ajoujados no sono, na ronqueira de estremecer a camarinha. Nem sempre as coitadas acompanhavam a sofreguidão dos galos. E ninguém era de ferro. Os bichos ainda morrihavam nas partes escondidas. Com licença da má palavra, que coisa tão fedorenta não se pode dizer em romance de tan-

to amor e paixão. Mas o momento cobra a verdade: o chulé também empestava tudo. Catinga mole, acumulada durante dias pela falta de água no corpo. Os banhos aconteciam a intervalos, com sabão-massa feito de sebo e soda. Além dos ruidosos tiroteios inspirados pelo feijão e ovos estrelados do jantar. Adeus romantismo.

O costume de um, o do outro amigo.

As duas irmãs apanharam barriga no mesmo dia, como noticiaram os maridos. Enxertaram e não puderam parir os mestiços de indubrasil, também comentaram. Desmarcados e mabaços, ainda por cima. Primeiro a parteira, no preceito da roça. Nada. Foi o cirurgião do hospital de doutor Desidério e doutor Mesquita quem os arrancou da barriga, já anjos. E pior: os médicos disseram que precisavam ligar não sei o quê. E trocaram em miúdos: não podem mais apanhar barriga; e mais miúdo ainda: não terão mais filhos. O fino leitor já espera o tombo dos dois casamentos mal-amanhados, desde a primeira noite, quando a brutalidade lascou a virgindade das noivas. De começo, elas até gostavam. Mesmo com aqueles abraços de ringir os ossos, dilacerando as carnes delicadas. Agora virava repulsa, medo, carência de um afago, um preparo mais

demorado antes da estocada de ferrão que nem o catoeiro quando pegava a mamota apartada. Homens, se homens eram, acostumados a cruzar mulas, jegas, na liberdade dos bichos selvagens.

Tudo chegou ao fim, como de esperar. Para não perder mais tempo – pois uma coisa é ver, outra é contar –, as duas irmãs avisaram que iam visitar os pais na capital. Nunca mais voltaram e devem estar com aquela idade em que as mulheres ainda se enganam com o passar do meio século.

Mas voltemos aonde estávamos. Já se via que moças tão finas não podiam esbarrar nos caninos daquelas feras.

Agora os dois conversavam no dialeto dos criadores de antanho. Ficaram livres novamente. Para ser franco, não sentiam falta, como possa parecer. Outras tantas mulheres andavam soltas pela fazenda e arredores. Era só trazê-las para varrer a casa e, bem, tudo era bicho do mato naqueles remotos lugares, e alvoroçavam nas quadras certas.

Joaquim puxou o assunto dos negócios de gado.

– Precisamos arranjar outras, amigo velho.

– Que não seja de cocheira. Só presta se empastada aqui, pra não estranhar o clima.

– Fundo, que só serve pra o machado, nós já temos.

– Sei onde pastam umas: lá na fazenda do coronel Tibúrcio do Riacho das Pacas. Malunga com você. Já viu?

– Aquelas são novilhas de arribada. Quero cabeceira, anca larga, canela curta, mansa no arreador, bons aprumos, garupa no jeito, de procedência leiteira. Antes de parir, pelo menos se arrisca a sorte, que ninguém vende vaca após descobrir que é boa de cuia, cabeceirona.

Demétrio, com a intimidade de sempre, argumentou:

– Você é besta mesmo... Pega, tolo, já está enxertada. Nem precisa mais de cobertura. Com mais duas viradas de lua despeja o bezerro.

– Então, por que você não apanha aquela lá da volta da estrada, mestiçona, ossada fina, pelo liso, ubre bem implanado, tetas no jeito, já com duas crias e outra no bucho? É só recriar umas e a mãe ainda pare muitas barrigadas.

– Vou preferir a cafubá-meio-sangue-guzerá.

– Aquela, bem verdade, mostra traseira cheia, mas é refugo, procedência fraca.

Conversaram, conversaram, trocaram gado, destroçaram, apertaram os punhos em cada negócio fechado. Distração de fazendeiros vizinhos, sem usura, só pelo prazer do rela na conversa companheira. Até que a noite engoliu os dois.

Demétrio convidou Joaquim para jantar. Nem precisava. Bastava chegar a hora, um na casa do outro, e era sentar-se à mesa.

Por fim, despediram-se. O cavalo de Demétrio cochilava no mourão do terreiro. Mas sempre tinham assunto e tempo para o prosear sem fim:

– Compra a novilha ou não compra? Se achar duas, traz uma pra mim.

– Com esses gados que andam por aí, escaldados de vaqueiro e ferrão...

– Vamos procurar um trem manso, curraleira, pé-duro, que gado de sangue importado não é pra nós. Já vimos em que deu aquelas duas novilhas alvações, que foi preciso castrar de faca. Quem ia suportar mulher sem muturi, já sem prestantça? O nosso é mulher fornida, pra cozinhar em fogão de lenha; bater roupa e esfregar com rama de são-caetano na pedra do rio; cozinhar fatada em panela de barro; torrar e pilar

café; dar pirão de leite a peruzinhos; chegar ponto em requeijão nos tachos de cobre; carregar água no pote, aprumado e solto na rodilha da cabeça. E aguento trompaço na cama, sem ginetear parecendo poldra sem muda que recebe pratilve. Dando cria pelo lugar certo que Deus deixou pra fêmea parir, depois da primeira batida com garrote. Que não esteja escanchelada, com o osso do vaqueiro liso de cruzar. E não esconda o leite.

– Minha avó ensinava: mulher é como cão de caça, se procura pela raça.

– Meu pai completava: só se sabe se a mula presta, depois de botar a sela e montar. Compramos as nossas sem experimentar.

– E não esquecer que estudo de mulher é como pisada em égua. Não serve pra nada.

Mal entrava em casa, já o homem pedia a comida, impaciente. Trocavam cacos de palavras secas. Cortavam-nas nos dentes como se fossem malague-tas: cuspiam um pedaço e engoliam o resto.

Filomena

Do nome dele eu me lembro como se fosse agora. Chamava-se Eduardo Felix, magro e alto feito um tronco de pati. Músculos à mostra - cabos de aço trançados. Cabelos tão finos que pareciam algodão de seda, olhos gateados. As franjas caíam sobre a testa já plissada pela constante cara zangada e bruta, apesar de não ter trintado ainda. Do nome dela, tenho dúvidas. Procuro no balaio da memória e aparecem carochos da lembrança: Maricota, Isaltina, Filomena. Fixo-me neste, quase sem receio de errar. Tenho dúvidas, mas está na ponta da língua. Já, já me lembro. Decorrem mais de sessenta ou sessenta e cinco anos da minha parte. O nome da mulher

de Eduardo Felix era mesmo Filomena, certeza agora, taluda, ambos parecendo gringos, ela mais encorpada que ele, semblante de quem não mostra beleza nem feiura, cabelos compridos até a garupa farta, se não fosse o pano sempre amarrado na cabeça a domá-los.

Ocuparam a mata sem dono e ali rasgaram a clareira e a picada para o comercinho acanhado de Tesouras, conquanto pouco fossem lá. Somente dois filhos pequenos que os acompanhavam ao roçado. Ficavam guardados e adormecidos à sombra farta e fresca dos cocós, fora do alcance das madeiras que derrubavam. O casal era como dois machos. Subiam no estaleiro armado acima das catanas. À pancada de cada ferro o outro respondia, cada um tirando cavaco na frente e nas costas da madeira. Na direção da queda indicada pelo galho mestre, outras árvores menores já estavam com as bocas nos troncos. Quando o pau que cortavam dava o primeiro estalo, os dois aplicavam mais algumas cutiladas leves e esperavam o segundo gemido. Corriam, então, ficando fora do alcance dos ramos mais altos no momento da queda brutal. Sempre havia um grito de satisfação, quando as ma-

deiras entalhadas caíam esmagadas pela mais grossa. Um gozo.

Se o sol já se agasalhava no poleiro do horizonte, pensavam em voltar pra casa. Os machados ficavam no chão esperando o dia seguinte. Filomena, só agora tenho certeza que o nome era esse mesmo, oferecia os peitos lavados de suor ao caçula, que os sugava bravamente. Nem sempre Eduardo Felix esperava a companheira. Tomava a vereda de casa e ficava à espera, sentado no batente, esperando o pirão com a caça moqueada. Até que a mãe chegasse com um braço em berço amparando o caçula e a outra cria enganchada no quarto, que mais parecia o assento de uma cangalha de boi manso, de tão largo.

Mal entrava em casa, já o homem pedia a comida, impaciente. Trocavam cacos de palavras secas. Cortavam-nas nos dentes como se fossem malaguetas: cuspiam um pedaço e engoliam o resto.

Sim, para completar, precisa dizer que o rancho onde assistiam era de taipa, coberta de indaiá, portas e janelas de varas. Ficava num outeiro que descia pela frente até o riacho Sapucaia a cerca de duas tarefas. Agora é o caso que interessa: brigavam pouco. Não tinham tem-

po, porque o trabalho na roça, o abrir e tapar covas de mandivas e junto a elas o pé de cacau com três sementes, depois a casa de farinha, no veio da roda. Ela com o mesmo vigor que não precisa repetir. Até com a barriga na boca não refugava trabalho.

Mas, quando brigavam não era esse bate-boca inosso de marido e mulher. Cortavam as palavras do xinga com os dentes enrilhando de caititus acuados no fio da serra. Assim como se mostravam valentes nos trabalhos pesados, mais ainda ficavam quando cada um apanhava o seu punhal escondido do outro e trançavam como feras. Tiniam as armas, para matar mesmo, enquanto acendiam faíscas. Os punhos se retesavam.

Quantas vezes aconteceu? Não sei.

Ouvi zabear que um dia puxaram as armas e saíram pra o terreiro da frente, já aos tombos. Dois felinos. Pior, porque as feras acasaladas não brigam nem têm punhais de palmo e meio de folha. E aquelas duas, agora, que até pareciam gente, rolavam pelo chão, por cima de pedras e tocos. Filomena dominava, segurando o braço armado de Eduardo Felix, para enfiar-lhe o ferro no sangrador. Eis que ele escapa e aperta o punho dela, que se desprende dele e escorrega

ladeira abaixo. Com pouco tempo o bicho macho já está com a ponta da arma na goela da femage. Apesar da meia gordura dela, seus braços, pernas e o corpo inteiro eram também um músculo tão rijo quanto o trançado de cordões de aço do muque e das pernas do outro.

Ainda me lembro, aí a lembrança ficou perfeita no caçua da memória, que o par de corpos rolava com mais rapidez, e os punhais trinçavam. O ferro de Filomena caiu e Eduardo o segurou com o pé. Mas ela segurou com as mãos o punho armado dele. Como uma torquês de ferar burros, evitando o golpe certo.

Ambos ensanguentados. Lapos das lâminas no rosto e no peito. Riscados e furados continuavam a luta. Em determinado momento, ambos ficaram sem enxergar. O melado vermelho tapava as duas visões. Cegos, apalpavam o espaço e se defendiam, e atacavam com a mesma fúria. Ambos corriam o risco de não ver a direção dos golpes. Estavam nas mãos de Deus. O filho mais velho, já no degrau dos três anos, gritava, no que era acompanhado pelo de peito.

Nada era nada. Pareciam enlouquecidos após a cegueira. Continuava a disputa de quem sangraria o outro primeiro.

Despidos pelos golpes e sem perceberem, insensíveis às dores nos peitos e nos machucões das pedras e tocos, só mesmo o ódio alucinado não os deixava sofrer ou perder as energias. Caíram no poço do riacho Sapucaia. Punhais empunhados com mais fúria ainda. A água lavou o sangue.

O leitor pensa que acabou a luta? Ainda não. Ela sentiu uma chuchada funda no pé de barriga, rasgando-a por dentro. E mais outra. E outra mais, com a violência dos gatos selvagens. Tiraram uma chula muito alegre, como as perdizes que cantam quando se amam. Saíram para o barranco arenoso. Com as mãos cobriam as vergonhas: o punhal dele e a bainha dela.

Amor de alugado

A presença do alugado era obrigatória nas fazendas de cacau, para servir à família nos trabalhos mais modestos. Não confundir com o agregado, hoje conhecido por trabalhador rural. Pertencia ele à categoria mais baixa da hierarquia dos que ficavam ao dispor do patrão. Não tinha salário. Ganhava a comida que sobrava, farta, bem verdade, engolida com regalo ao pé do fogão ou no terreiro dos fundos, sob uma árvore. Dormia sobre sacos de aninhagem no esfria-pés da estufa, na despensa, no armazém, a depender da disponibilidade do local. O luxo era uma coberta dorme-bem esgarçada e sem conhecer água e muito menos sabão. Vestia-se com a

roupa usada que o patrão lhe dava: paletó quase no joelho, calças fololés, um misto de palhaço e de o finado era maior. Só recebia outra, quando os rasgões já mostravam as vergonhas. Podia ser que no São João ganhasse uma calça porta-de-loja e camisa de bulgariana, prenda que lhe dava muita alegria. Se fumava, pedia uma masca de fumo-de-corda aos outros trabalhadores. Um patrão mais generoso podia lhe dar uma chave de tora de dois tões. Com palha de milho ou qualquer pedaço de papel pardo enrolava o quebra-peito. Não tinha mais que dezesseis anos, chegando aos vinte, quando era promovido a trabalhador de roça, ganhando posição de destaque, podendo até se amasiar, subindo, com muita sorte, ao posto de tropeiro de cacau seco, levando-o ao armazém do comércio. Aí era o posto mais alto da carreira. Alguns davam para estufeiro, outro galardão muito honroso.

Muitos ficavam velhos, sem passar de alugados. Conformavam-se com o serviço e o traviá de buscar lenha lascada do roçado, botar água nos carotes, cortar cachos de banana para a despena, matar porco e ajudar a patroa fazer a linguiça e retalhar o toucinho. Aos seus cuidados ficava também dar banho nos cavalos de sela,

arear com cinza, limão e areia fina as caçambas, as esporas, os potosis das argolas e fivelas.

Competia-lhe ainda quebrar mandioca e cortar jaca para as criações de pena e cabelo. Procurava as porcas paridas nos lugares mais escondidos das vargens, enfrentando-as com ganchos de madeira fornida para defender-se dos dentes de podão afiado.

Cacau inferior, refugio humano, já se vê, mas de grande serventia.

Gargalhava sem motivo, olhos e beiços caídos dos abobalhados.

A outra personagem, o contraste. Cacau superior, de veias de ouricuri nos caroços cheirosos. Filha mais velha do fazendeiro andara muito tempo estudando no estrangeiro. Voltara de lá doutora, casada com outro lorde, diretor, que se levantava perto do meio-dia vestido num camisolão lustroso.

Josué, o alugado, conhecia a doutora desde que nascera, ali mesmo, no chão da roça de cacau, filho semeado na cova da ama do fogão pelo estufeiro.

Ainda arrastando, escapulia da cozinha, chegava à sala, onde via o bebê da patroinha sugando os seios apoiados de leite. Tanto leite quanto

o que sua mãe lhe dava. Mas um dia a fazendeira secou o úbere, sem que nem pra quê. Ou parece, não se lembrava bem, precisou viajar para o tal estudo, e a avó ficou cuidando do neto. E como não acreditava em menino criado sem peito, foi à mãe de Josué, negrona fornida, cabaças cheias, precisando até desubrar para não endurecê-las. Josué não gostou muito daquela partilha, mas não tinha como evitá-la. Além do mais, era ele quem dormia com a mãe e aí descontava. Depois, apartavam-no ao escurecer como um bezerro, passando a noite com a outra empregada, para que sobrasse mais leite no dia seguinte, destinando a primeira mamada ao patrãozinho. Mas Josué recebia papa e leite de vaca e não podia se queixar de ronco na barriga.

Dirão: jamais um alugado daqueles, nos dezesseis anos, que nem mesmo, como todos da sua laia, fazia diferença entre mulher feia e bonita, velha ou nova, iria apaixonar-se pela doutora Belanice. Noites enormes a pensar nela, revendo as dobras arredondadas do seu corpo. Mulher importante e chique. Mesmo na fazenda, vivia cuidando das unhas, da pele, dos cabelos, como se fosse a uma festa num palácio. Nem queria prosa com os visitantes, tratando-os com

o desprezo de quem não pretendia misturar-se com a gatinha. Muito menos com os trabalhadores, vistos ainda como escravos. Ouvia músicas esquisitas. Tentava afinar um velho piano dos tempos gloriosos das fazendas de cacau e nele derramava a alma.

Pior é que Josué começou a ter ciúmes. Onde já se viu uma maluquice dessa. Ciúme não só do marido, mas de qualquer homem que se aproximasse de Belanice. Passou a vigiá-la, ainda que de longe. Disfarçava-se a espreitar os passos da amada, conferindo seus movimentos. Se ela entrava no banheiro, ficava pelo lado de fora do oitão da casa, fazendo de conta que limpava o jardim. Esperava o ruído da água escorrendo lúbrica sobre o seu corpo. Tirava o buçal da imaginação e aí é que fazia coisas feias. Trazia-lhe laranjas-cravo das mais bonitas e doces, ingás-caixão, jaca-prata que ela gostava desde a infância. Recebia a prenda e mal grunhia um muito obrigado, acompanhado de uma moeda, que era beijada como medalhinha benta. Nem com um mercadinho de fumo a gastava.

Quando ela resolveu passear na mata, no fundo da sede, pegada com as roças de cacau, viu-a tirar a botinha e atravessar o riacho, levantando

exageradamente a saia. Felizmente só o marido a acompanhava. Menos mal. Mesmo assim, sofreu. Quando eles sumiram entre os arvoredos, não se conteve. Também entrou no matagal. Andava paralelamente, a certa distância, sem ser notado, mas ouvindo as vozes deles. Receava que cruzassem naquele escondido, porque se beijavam descaradamente. Morreria se os visse... A vontade era matar aquele desgraçado como vira o jegue preto fazer com o companheiro que se adiantara com a jeguinha assanhada. Apanhou uma pedra e jogou-a na direção dos desavergonhados. Assustou-os. Voltaram por onde foram.

Na noite daquele dia ficou escondido atrás de um jasmineiro, rente ao quarto do casal. Não sossegou, tentando ouvir os ais que poderiam acontecer. Não demorou muito. Lá estavam os dois gemendo a gostosa dor. Deu um coice tão forte na parede que se largaram. O marido abriu a janela pensando que fosse um burro e ainda pilheriou: – Estamos dando azar: na mata apareceu aquela visagem, agora surge outra assombração. Pode ser algum sinal... Escuta, o galo está cantando fora de tempo. Será alma – brincou ele. Saíram os dois ao terreiro. A noite si-

lenciosa tomou-se mais enluarada para que a doutora e o companheiro ficassem mais à vontade.

Procuraram o pé da escada da varanda. Seria uma aventura. Ela e ele quase despidos. Arrumaram-se. Ajeitaram os corpos um ao outro. Foi quando caiu atrás do casal uma lata, que os assustou. Retomaram temerosos ao quarto.

No dia seguinte, o banqueiro foi chamado com urgência. Era o Banco Central convocando-o. Negócios ligados aos empréstimos internacionais, da sua alçada. Ela preferiu passar mais uma semana na fazenda da sua infância.

Ao amanhecer, o alugado foi à mata. Queria ao menos ver os passos da patroa no caminho arenoso. Saiu farejando os rastros da botinha de salto alto. Abaixava-se, delirando. Adiante a surpresa. Encontrou-a nua, peitos apoiados de leite, no exato momento em que pulava uma madeira tombada. Parou de repente. Olhou para os lados. Somente os dois na sombra verde e fresca. Podia pensar no seu amor, agora possível. Certamente ela fora ali para tomar banho no ribeirão, refrescar-se, apagar o próprio fogo do corpo. Josué tirou o facão língua-de-teiú afiado da bainha, espetou-o tresloucado sobre a madei-

ra, baixou as calças. Doutora Belanice ficou quieta e dócil. Ele agora não sabia o que fazer. Sem qualquer palavra, aproximou-se. Estava tonto. Perdia a cabeça mais uma vez. A primeira foi quando pensou em sangrar o banqueiro. Precisava conter-se. Ir devagarzinho, com calma e jeito. Queria respirar todo o cheiro da femagem há tanto tempo cobiçada. A rigor, desde muito novinho, no tempo em que vira o peito apoiado que confundia com o da sua própria mãe. Ela continuava imóvel. Ele não aguentou. O tempo parado. Parte do seu corpo engrossava. As narinas se arregaçaram como as do garrote reprodutor, quando ciuava uma vaca. A boca se franziu imoral. Abraçou-a com punhos de tamanduá e sentiu que fecundava a greta morna de uma flor. Nem um suspiro para não perturbar tanta felicidade. Esqueceu-se do marido inoportuno e, felizmente, bem longe das suas dúvidas e medos. Ela é que viera, por sua vontade e destino. Aparecesse naquele instante quem aparecesse, pouco se lhe dava. Não se contentou com uma vez. Foi até cansar e esvaziar-se. Tanta espera. Talvez a oportunidade única. As flores muito alvas dos jequitibás bailavam no ar e vestiam o corpo da amada, tomando-a lanzudinha

como as nuvens. Os pássaros recriavam cantos. Nenhuma guriatã cantava tão bonito como naquele instante.

O ribeiro corria carinhoso, testemunhando o amor do apaixonado.

Ela saiu andando, elegante como uma garça no cio, deixando-o com os desejos satisfeitos.

Além dos passarinhos, dos matizes e do ribeirão restou somente pastando uma jumentinha felpuda, ainda vagalumeando, coberta com as estrelinhas alvas que vadiavam de ser flores e caíam das copas muito altas dos jequitibás – abóbadas verdes encastoadas no céu azul.

A Coleção E-Pocket, publicada pela E-Book.Br, Editora Universitária do Livro Digital, disponibiliza e-books com pequenas dimensões e arquivos leves, para facilitar o acesso pela internet em baixa velocidade. Escolhemos um formato de livro eletrônico concebido, pelo tamanho, para ser lido em smartphones e outros meios digitais.



Copyright 2017 Obras de Euclides Neto

Endereços deste e-book:

<https://issuu.com/euclides-neto/docs/3>

www.e-book.uefs.br/euclides_neto

www.linguagens.ufba.br

Composto em Times New Roman, corpo 12

Formato 100 x 160 mm.

66 páginas

A Coleção E-Pocket, publicada pela E-Book.Br, Editora Universitária do Livro Digital, disponibiliza e-books com pequenas dimensões e arquivos leves, para facilitar o acesso pela internet em baixa velocidade. Escolhemos um formato de livro eletrônico concebido, pelo tamanho, para ser lido em smartphones e outros meios digitais.

O Acervo Euclides Neto vem sendo publicado nesta e em outras coleções, conforme o tamanho da obra.

Todos os livros podem ser lidos tanto na plataforma Issuu, sediada em Copenhague, na Dinamarca, quanto no site e-book.uefs.br, em formato PDF, adequado para ser salvo no celular.

Cinco Histórias da Roça

“O Cirurgião”, “Os Ciganos”,
“Conversa de Maridos
Abandonados”, “Filomena”
e “Amor de Alugado”
são os contos de Euclides Neto
que formam este e-book
da coleção e-poket.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL